



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Formação profissional.

VIDA COTIDIANA E PENSAMENTO CONSERVADOR: INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL

LARYSSA DANIELLY SILVA FERNANDES¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas análises de autores das ciências sociais e importantes pensadores da área da filosofia que se debruçaram para o entendimento da Vida Cotidiana e do Conservadorismo, ressaltando suas respectivas características e gênese. A compreensão dessa leitura não abrange todo o debate de cada perspectiva abordada, mas tem como finalidade correlacionar as principais ideias para o entendimento da Vida Cotidiana e sua relação com o desenvolvimento histórico do pensamento conservador, discorrendo criticamente as influências na profissão e intensificação na atual conjuntura.

Palavras-chave: Vida Cotidiana; Conservadorismo; Serviço Social.

Abstract: This article aims to present some analyzes of authors of the social sciences and important thinkers in the field of philosophy who focused on the understanding of Everyday Life and Conservatism, highlighting their respective characteristics and genesis. The understanding of this reading does not cover the whole debate of each perspective, but its purpose is to correlate the main ideas for the understanding of Daily Life and its relation with the historical development of conservative thinking, critically discussing the influences on the profession and intensification in the current conjuncture.

Keywords: Daily Life; Conservatism; Social Service.

I. INTRODUÇÃO

A reflexão em tela, abordada no trabalho de conclusão de curso, é proveniente de uma pesquisa para compreender o significado histórico do pensamento conservador contemporâneo, bem como seu avanço, e os desdobramentos no exercício da profissão.

Nesse contexto, torna-se urgente a reflexão sobre o avanço e a reatualização do conservadorismo no Serviço Social, assim como as implicações do mesmo na prática profissional. Ao tratar da relação do

¹ Estudante de Graduação. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: <laryssadsfernandes@outlook.com>

conservadorismo no cotidiano da profissão, destacam-se os processos sociais vivenciados na atual conjuntura, bem como as expressões da Questão Social.

Propõe-se uma maior compreensão das categorias vida cotidiana, conservadorismo e alternativas, dada a relevância dessa discussão no contexto atual de forte influência de posturas retrógradas na prática profissional do Serviço Social, tais posturas que dizem respeito à adoção de referenciais teórico-metodológicos atrelados a valores e tradições que conformaram as bases da profissão em sua gênese.

Para uma abordagem inicial, Agnes Heller, discípula durante certo período de György Lukács, analisa a estrutura da Vida Cotidiana em sua gênese, suspensão e implicações na vida dos homens, além das abordagens referentes às determinações fundamentais da cotidianidade de uma forma crítica, descrevendo sua postura teórico-metodológica, por José Paulo Netto.

Em um segundo momento, destaca-se os principais argumentos para o entendimento da gênese do pensamento conservador, considerado por Leila Escorsim Netto como conservadorismo clássico, além de seu desenvolvimento histórico abordado com excelência por Jamerson Souza que viabiliza a assimilação dos desdobramentos do conservadorismo contemporâneo na atual conjuntura, como também são abordadas as importantes considerações de Josiane Santos e Ilse Gomes acerca do neoliberalismo para uma compreensão voltada para a intensificação do pensamento conservador no Brasil.

Por fim, Iamamoto e Braz trazem a discussão do significado social da profissão do Assistente Social como fundamento principal à viabilização de direitos a classe trabalhadora, norteados pelo projeto ético-político da profissão constituído a partir da década de 1990.

A partir destas considerações é possível resgatar a perspectiva crítica do pensamento conservador e seus rebatimentos cotidianos, para que seja haja uma compreensão acerca da relação do conservadorismo no Serviço Social, bem como suas estratégias de enfrentamento.

II. DESENVOLVIMENTO

VIDA COTIDIANA E O PENSAMENTO CONSERVADOR

O cotidiano como espaço da reprodução do ser social.

A vida cotidiana identificada por Agnes Heller (1970) como a vida de todo homem, perpassa todo o solo histórico do ser social, como algo constitutivo, além de ser na ótica Lukacsiana insuprimível e ineliminável, enquanto espaço-tempo de constituição, produção e reprodução do ser social. Desse modo, Heller afirma que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 1970, p.17).

Parafraseando Netto (1994), em toda sociedade existe e se põe a cotidianidade e em cada uma delas, a estrutura da vida cotidiana é distinta quanto ao seu âmbito, ritmos, regularidades e comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos, logo, a vida cotidiana posta assim explicita a sua insuprimibilidade e não se mantém como algo seccionado da história. “O cotidiano não se desloca do histórico – antes, é um dos seus níveis constitutivos: o nível em que a reprodução social se realiza na reprodução dos indivíduos enquanto tais” (NETTO, 1994, p.66).

Embora a cotidianidade seja um espaço de constituição da individualidade², nela colocam-se em prática todas as capacidades intelectuais do homem, além dos seus sentimentos, paixões e ideologias, porém se torna impossível vivê-los com toda intensidade, por isso Heller (1970, p.17) afirma que: “O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda a sua intensidade”.

Mediante a concepção de Heller (1970) a vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea³, todos que a vivem são absorvidos pela sua heterogeneidade, portanto, são partes orgânicas da vida cotidiana: “organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a

² “A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (HELLER, 1970, p.17).

³ “[...] e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividade” (HELLER, 1970, p.18).

atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 1970, p.18). Assim, compreende-se que a vida cotidiana não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica, sendo esta hierarquia fruto das modificações em função das diferentes estruturas econômico-sociais, logo, não é eterna e imutável. Por exemplo, nos tempos pré-históricos, o trabalho ocupou um lugar dominante na hierarquia e pôde se manter durante muito tempo, dessa maneira, toda a vida cotidiana passou a se constituir em torno da organização do trabalho, subordinando todas as demais formas de atividade. Heller menciona em sua obra que:

A heterogeneidade e a ordem hierárquica (que é condição de organicidade) da vida cotidiana coincidem no sentido de possibilitar uma explicitação 'normal' da produção e da reprodução, não apenas no 'campo da produção' em sentido estrito, mas também no que se refere às formas de intercâmbio. A heterogeneidade é imprescindível para conseguir essa 'explicitação normal' da cotidianidade; e esse funcionamento rotineiro da hierarquia espontânea é igualmente necessário para que as esferas heterogêneas se mantenham em movimento simultâneo. (HELLER, 1970, p.17).

De acordo com a autora, o ser social já nasce inserido na cotidianidade, construindo as estratégias para se reproduzir neste meio, de modo a se responder aos seus estímulos para sobreviver. “O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (HELLER, 1970, p. 18). Portanto, o ser social é um ser que responde, para com isso garantir a sua reprodução e sobrevivência.

A autora supracitada identifica em sua obra que a assimilação da manipulação das coisas⁴ é sinônimo de assimilação das relações sociais. Isso significa dizer que o sujeito é influenciado pelas relações sociais existentes, que vão desde a assimilação da manipulação das coisas até o momento de submissão ao poder da natureza, e esse espaço de assimilação na

⁴ “O adulto deve dominar, antes de mais nada, a manipulação das coisas (das coisas, certamente, que são imprescindíveis para a vida da cotidianidade em questão). Deve aprender a segurar o copo e a beber no mesmo, a utilizar o garfo e a faca, para citar os exemplos mais triviais” (HELLER, 1970, p.19).

cotidianidade começa sempre por grupos⁵, estabelecendo uma ligação do indivíduo com os costumes, normas e éticas vividas (HELLER, 1970).

Nesse processo de reprodução do ser social, Heller (1970) identifica que “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico⁶” e a dinâmica básica para a compreensão dessa particularidade é a satisfação das necessidades humanas, de modo consciente e individual (HELLER, 1970, p.20).

A partir desses pressupostos, falar sobre a vida cotidiana heterogênea e hierárquica num espaço de constituição e reprodução do ser social se faz necessário expor suas determinações fundamentais que, de acordo com Lukács (apud NETTO, 1994, p.67), são: *Heterogeneidade*: a vida cotidiana configura as diferentes estruturas que compõem as objetivações do ser social (linguagem, trabalho, interação, vida política e vida privada). *Imediatividade*: significa que a ação do homem em dar respostas ativamente é a relação direta entre pensamento e ação, padrão de comportamento na vida cotidiana, como uma conduta específica e imediata, sendo a gênese para o automatismo e o espontaneísmo, inerentes a vida do homem. *Superficialidade extensiva*: o cotidiano mobiliza em cada ser social todas as atenções e todas as forças, mas não em sua totalidade, suscitando respostas superficiais para cada situação, sem considerar as relações que os vinculam.

É essencial ultrapassar os limites do pensamento cotidiano, diante disso, como é possível suspender a heterogeneidade e a singularidade da vida cotidiana? De acordo com Netto (1994) a suspensão da vida cotidiana é alcançada por meio dos elementos caracterizados por Lukács: a arte, ciência e o trabalho criador, como formas de constituição do ser social. No que se refere especificamente à ciência está à dimensão investigativa do assistente social, em que se coloca em prática a pesquisa com o recurso ao estudo da história, voltadas para a compreensão crítica da realidade, para que seja alcançada a

⁵ Segundo Agnes Heller, são grupos que compõem o dia-a-dia, como a família, escola e pequenas comunidades.

⁶ Heller (1970, p. 21) afirma que o genérico está contido em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares.

consciência humano-genérica, nesta rápida suspensão o indivíduo passa a se comportar como inteiramente homem⁷.

Diante disso, como é possível suspender a heterogeneidade e a singularidade da vida cotidiana? De acordo com Netto (1994) esta mobilização de superação da singularidade corresponde à suspensão da heterogeneidade da vida cotidiana, a qual torna semelhantes todas as faculdades dos indivíduos e as direciona num projeto em que transcende sua singularidade numa objetivação, reconhecendo-se como portador da consciência humano-genérica⁸. Nesta rápida suspensão, o indivíduo se comporta como inteiramente homem⁹ e se reconhece como particularidade, espaço de mediação entre o singular e o universal.

Ora, para ter acesso à consciência humano-genérica é necessário que o indivíduo supere a singularidade e coloque em prática toda a sua força numa objetivação duradoura, menos instrumental, menos imediata.

Para compreender melhor quais são os procedimentos que suspendem a cotidianidade, Netto (1994) comenta que:

De acordo com Lukács, há três formas privilegiadas de objetivação nas quais os procedimentos homogeneizadores superam a cotidianidade: o trabalho criador, a arte e a ciência. Estas três objetivações mais altas constituem esferas que se destacaram das objetivações cotidianas graças a um longo processo histórico de complexa diferenciação, adquirindo autonomia e legalidade próprias – processo que, em si mesmo, é o da constituição do ser social. (NETTO, 1994, p. 70).

Embora essas três objetivações sejam capazes de suspender o cotidiano, não são capazes de romper com a cotidianidade, pois, como já foi mencionado anteriormente, ela é insuprimível e ineliminável. Portanto, caracterizam-se como suspensões e permitem aos indivíduos o acesso à

⁷ Netto (1994, p. 69) expressa que na vida cotidiana o indivíduo é um homem inteiro; nas suspensões ele se torna inteiramente homem, no primeiro caso, a singularidade, mesmo nas determinações humano-genéricas, permanece inultrapassada; no segundo, supera-se na particularidade.

⁸ De acordo com Agnes Heller (1970), o homem é capaz de se tornar humano-genérico quando se forma a sua “consciência de nós”.

⁹ Netto (1994, p. 69) expressa que na vida cotidiana o indivíduo é um homem inteiro; nas suspensões ele se torna inteiramente homem, no primeiro caso, a singularidade, mesmo nas determinações humano-genéricas, permanece inultrapassada; no segundo, supera-se na particularidade.

consciência humano-genérica, de forma que não poderá ser contínua, pois estabelece um circuito de retorno à cotidianidade.

Estas determinações da vida cotidiana podem interferir na prática profissional do assistente social, quando não são ultrapassados os limites do cotidiano, pois, podem acarretar em uma sucessão de práticas pragmáticas, destacando apenas a necessidade de atribuir respostas superficiais para cada situação.

Ora, este ponto nos faz retomar ao Serviço Social tradicional, que recorria à superficialidade da técnica para atribuir respostas às expressões da “questão social”¹⁰, portanto, o imediatismo sem a devida contestação, investigação e o olhar crítico para além do que está posto, isto é, instaura-se o conservadorismo, que Leila Netto (2011) classifica como conservadorismo contemporâneo, associado à ofensiva neoliberal e ao conservadorismo clássico.

Desenvolvimento histórico do pensamento conservador.

De acordo com Cueva (1989) apud Escorsim Netto (2011), o pensamento conservador é considerado antidemocrático, antipopular e antiprogressista, nos anos de 1980, Cueva caracterizou como *tempos conservadores* o momento de transformação que invadia a cultura ocidental, que estavam ligadas as transformações estruturais no interior do capitalismo contemporâneo, como sua financeirização e mundialização do capital.

Netto (2011) aponta que essa onda conservadora (1970-1980), implícita na “ofensiva neoliberal”¹¹, afetou diretamente as sociedades ocidentais e, em

¹⁰ Segundo Iamamoto (1999, p. 27), a Questão Social pode ser definida como: O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade.

¹¹ A ofensiva neoliberal, segundo Ilse Gomes Silva (2001) caracteriza um aumento de investimentos para o capital intensificando os processos de flexibilização, privatização e terceirização, além de afirmar que a ideologia neoliberal corresponde à ideia de desigualdade social, evidenciando um acirramento da luta de classes, bem como uma noção rasteira de

um período de poucos, anos “o pensamento conservador ganhou um fôlego aparentemente assombroso” (NETTO, 2011, p.16). Embora o conservadorismo contemporâneo¹² não se apresente como tal, oculta suas raízes e seus conteúdos que se referem aos inúmeros traços do conservadorismo caracterizado pela autora como clássico. Souza (2016) contribui com esta afirmação destacando que,

A formação do conservadorismo clássico pode ser identificado entre 1789 e 1914. Período histórico que recobre mais de um século e coincide com dois grandes acontecimentos históricos: vai da Revolução Francesa até o início da primeira guerra mundial. Seu fôlego final converge no desfecho do pensamento de Émile Durkheim. (SOUZA, 2016, p. 154).

Segundo Netto (2011), para compreender os fundamentos desse conservadorismo observou-se que o ele tinha suas origens no abandono das dimensões econômico-políticas e históricas da vida social. Dessa forma, as tendências que se insurgiam contra o conservadorismo dominante recorreram à análise da economia política e da história, sendo necessárias para enfrentar o conservadorismo contemporâneo.

Por conseguinte, para compreender o desenvolvimento histórico do pensamento conservador é necessário recorrer as suas determinações histórico-conceituais, apresentadas na obra de Leila Escorsim Netto (2011). A autora afirma que é

[...] na determinação do espaço histórico-temporal e dos traços constitutivos do pensamento conservador [que] está a chave para elucidar e interpretar a sua diferencialidade e o seu denominador comum – ou seja, compreendê-lo como uma unidade constituída por diversidades. (NETTO, 2011, p. 36).

Segundo a autora, o pensamento conservador não é um “estilo de pensamento” encontrável em qualquer tempo e sociedade, antes de tudo ele é uma expressão cultural particular de um tempo e um espaço sócio-histórico precisos: “o tempo e o espaço da configuração da sociedade burguesa [...] e

liberdade, estimulando os processos de contrarreformas que reduzem as garantias sociais e os direitos conquistados.

¹² “Igualmente ao Serviço Social, onde hoje também rebate com força o conservadorismo de novo tipo, o recurso à história é um instrumento fundamental – juntamente com a análise do conservadorismo clássico – para compreender a profissão” (NETTO, 2011, p. 19).

em que operam movimentos e tensões em todas as esferas e instâncias sociais” (NETTO, 2011, p.41).

Para a compreensão desse espaço e tempo de configuração da sociedade burguesa, a autora nos leva a compreensão que desde o momento em que se instaurou a hegemonia econômica e social da burguesia, ainda na sociedade feudal por meio da revolução industrial, expressaram-se seus traços determinantes.

Vale ressaltar que de acordo com Santos (2007), o projeto moderno de civilização inaugurado pela burguesia em seu momento de configuração, compõe os pilares de sustentação dessa consciência revolucionária, através da: Universalidade (abrange todos os seres humanos, independente das barreiras étnicas, culturais ou nacionais), Individualidade (significa que os seres humanos são considerados como pessoas concretas e não só fazem parte de uma coletividade, contribuindo para a sua crescente individualização), e a Autonomia (os seres humanos individualizados são aptos a pensar por si mesmo independente de ideologias ou religiões). Este processo marca a concepção do homem como centro da constituição da sociedade, eliminando todo e qualquer poder sobrenatural que exerça influência sobre a constituição dela.

Esse processo de hegemonia da classe burguesa se completa com a revolução política. A burguesia desmonta o Estado feudal e molda o seu Estado. “É precisamente este período de configuração da sociedade burguesa que assiste ao surgimento do pensamento conservador” (NETTO, 2011, p. 44).

Netto (2011) explica que nesse momento o pensamento conservador se configura como irracionalista e contrarrevolucionário, expressando repúdio a qualquer revolução. “É assim que ele tem substantivamente mudado a sua função social: de instrumento ideal de luta antiburguesa, converte-se em subsidiário da defesa burguesa contra o novo protagonista revolucionário, o proletariado” (NETTO, 2011, p.49).

Santos (2007) menciona que o neoliberalismo se caracteriza como antidemocrático, já que a democracia não se caracteriza como seu valor central. Considerando os diferentes processos de democratização ocorridos

nos países desenvolvidos e periféricos, em países da Europa os avanços democráticos são consideráveis e importantes para a relação entre Estado e sociedade civil e mesmo nesses países o neoliberalismo tem vencido facilmente as resistências democráticas. Desse modo, nos países periféricos como o Brasil, que tem em suas raízes uma forte influência de cultura autoritária e conservadora, onde a democracia que ainda se encontra em processo de desenvolvimento vê-se cercada pela história de conservadorismo, clientelismo e autoritarismo do país, esses e outros fatores mantêm a democracia em seu aspecto formal, contribuindo para a ofensiva antidemocrática e conservadora do neoliberalismo.

A autora menciona que a conjuntura que acompanha os ajustes neoliberais no Brasil expressa uma onda conservadora que resulta não só no enfraquecimento do Estado (extremamente funcional à ordem atual), como também na organização dos trabalhadores. “Oliveira (in Sader e Gentili, 1996) resgata que o ‘neoliberalismo à brasileira’ tem investido na destruição da utopia, da esperança que alimenta os movimentos sociais, abrindo as comportas para uma onda conservadora de que o Brasil não tem memória” (SANTOS, 2007, p.25). Percebe-se a dificuldade para a classe trabalhadora, visto que:

Nesse contexto de uma burguesia cuja mentalidade é moldada por valores aristocráticos combinados ao que há de mais conservador em termos do imperialismo mundial, a lógica de valorização do capital comanda muito mais uma reestruturação organizacional do que produtiva e tecnológica. O objetivo primordial é a remoção do obstáculo representado pelo trabalho organizado e o reforço a sua precarização via redução de direitos e aumento do desemprego. (SANTOS, 2007, p.26).

Santos (2007) completa a afirmação mencionando “O que tem favorecido o novo padrão de acumulação é o clima de vazio ideológico expresso na ausência de um projeto societário que se oponha a ele” (SANTOS, 2007, p.27), caracterizando como um elemento importante para pensar as condições da luta de classes no capitalismo contemporâneo.

Silva (2001) menciona esse processo como “a reforma do Estado brasileiro” e afirma que:

Em agosto de 1995 foi encaminhado ao Congresso Nacional o Projeto de Emenda Constitucional nº 173 que versava sobre a

reforma do Estado brasileiro. Deste modo, o governo de Fernando Henrique Cardoso inaugura uma nova ofensiva contra os direitos sociais instituídos com a Constituição Federal de 1988. (SILVA, 2001, p.3).

Nesse contexto, segundo a autora supracitada, inicia-se a organização de uma ampla reforma nas políticas e nos aparelhos do Estado pretendendo solucionar a crise da economia brasileira e garantir as condições de inserção do país na economia globalizada. Com esse objetivo, empreende uma luta ideológica que apresenta os direitos sociais como privilégios e entraves ao desenvolvimento econômico. Diante disso, como solução, promove-se a flexibilização da legislação do trabalho e da diminuição dos gastos públicos, além da privatização das empresas estatais.

Desse modo, Souza (2016) afirma que a ascensão do conservadorismo no Brasil segue uma tendência internacional desde o ano de 2010 e está relacionada com o neoliberalismo e sua agenda de reformas para os “Estados-nação”, sendo diferenciada para países centrais e periféricos, colocando como uma “ideologia hegemônica das classes dominantes para travessia do período de crise do capital”.

Nesse contexto, segundo a autora supracitada, inicia-se a organização de uma ampla reforma nas políticas e nos aparelhos do Estado pretendendo solucionar a crise da economia brasileira e garantir as condições de inserção do país na economia globalizada.

Com esse objetivo, empreende uma luta ideológica que apresenta os direitos sociais como privilégios e entraves ao desenvolvimento econômico, diante disso, como solução, promove a flexibilização da legislação do trabalho e da diminuição dos gastos públicos, além da privatização das empresas estatais. Com o objetivo ultrapassar essas fronteiras conservadoras, coloca-se como tarefa premente pensar as alternativas para o Serviço Social.

CONSERVADORISMO E O SERVIÇO SOCIAL

Estratégias de enfrentamento do conservadorismo para o Serviço Social.

Parafraseando Iamamoto (1995) o Serviço Social está inserido na divisão social e técnica do trabalho e se institucionalizou como profissão em 1930 quando há o reconhecimento pelo Estado da Questão Social como âmbito das relações entre capital e trabalho. A partir da década de 1960, houve o rompimento com as fronteiras da filantropia através do movimento de reconceituação da profissão, revelando a prática profissional com caráter essencialmente político tensionado pelas relações classistas.

Segundo a autora supracitada, a profissão surge e se expande marcado pela contradição fundamental que organiza a sociedade do capital, caracterizando uma atuação profundamente polarizada por interesses sociais de classes antagônicas, isto posto, como é possível estabelecer estratégias para o enfrentamento dessa contradição intrínseca ao Serviço Social?

Iamamoto (1995) destaca que a primeira estratégia de enfrentamento é compreender que o significado social da profissão não se revela nas imediatezidades vividas cotidianamente, tampouco no pragmatismo inserido no bojo da profissão, esta adquire sentido a partir de uma análise histórica da sociedade a qual faz parte, por meio da dimensão investigativa do assistente social, desvelando seus limites e possibilidades. Nesse sentido, recorre-se a Marx e as principais correntes de pensamentos marxistas, como essencialmente necessários para a compreensão da dinâmica na sociedade capitalista. Conseqüentemente, partindo dessa dimensão investigativa por meio do método crítico dialético é imprescindível ir além do que está posto superficialmente na vida social por meio de ações intermitentes, burocratizadas e descontínuas com um caráter filantrópico.

Tal reflexão orientada a partir da inserção da profissão nas relações das classes sociais é essencial para traçar as possibilidades de atribuir respostas qualificadas a prática profissional, alcançando alternativas pautadas na consciência crítica do assistente social.

A segunda estratégia de enfrentamento de acordo com Braz (2005) se dá a partir de uma análise teórica e crítica mediante o projeto ético-político do Serviço Social, materializado por meio de três dimensões articuladas entre si,

que são: a dimensão da produção de conhecimentos no interior do Serviço Social¹³, a dimensão político-organizativa da categoria¹⁴ e a dimensão jurídico-política da profissão¹⁵, com refutamentos nos conteúdos ético e prático de base conservadora, é possível observar a importância da adesão, a partir do momento de reconceitualização da profissão⁴ na década de 1970, às categorias da teoria social de Marx.

Desse modo, Marcelo Braz corrobora com a discussão afirmando que:

Nosso projeto ético-político é bem claro e explícito quanto aos seus compromissos. Ele “tem em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central – a liberdade concebida historicamente, como possibilidade de escolher entre alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais. Conseqüentemente, o projeto profissional vincula-se a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero”. (Netto, 1999: 104-5; grifos originais). (BRAZ, 2005, p. 3).

Portanto, os valores e princípios a partir do qual se constitui a imagem ideal da profissão por meio dos seus “[...] aspectos teóricos, políticos, organizativos e jurídico-legais com os quais se identifica a categoria” (BRAZ, 2007, p.6). Significa dizer que o direcionamento da profissão é materializado através do projeto ético-político, que de acordo com o autor supracitado está fortemente tensionado pela atual conjuntura, ou seja, pela direção social e política que os profissionais exercem na profissão, somando tanto o processo de formação profissional como o próprio exercício da profissão no país.

Diante do exposto, o projeto ético-político do Serviço Social é definido através do processo histórico da sociedade, contemplando a formação da massa crítica dos profissionais de Serviço Social mediante o seu direcionamento social e político, estabelecendo as dimensões investigativas e

¹³ “Esta dimensão investigativa da profissão tem como parâmetro a afinidade com as tendências teórico-críticas do pensamento social”. (BRAZ, 2005).

¹⁴ Neste se assentam tanto os fóruns de deliberações quanto as entidades representativas da profissão, que se insere o conjunto CFESS/CRESS, ABEPSS e ENESSO. (BRAZ, 2005).

¹⁵ O aparato político-jurídico de caráter estritamente profissional, tais como: código de ética do/a assistente social de 93, a lei de regulamentação da profissão nº 8.662/93 e as diretrizes curriculares aprovadas pelo MEC em 2002. E o aparato político-jurídico de caráter mais abrangente, a qual se insere a Constituição Federal de 1988. (BRAZ, 2005).

interventivas como um princípio formativo, priorizando a competência técnica, teórica e o compromisso ético-político.

Não há dúvidas de que o Serviço Social brasileiro está vinculado a um projeto de transformação da sociedade aliado à classe trabalhadora, expresso nitidamente no código de ética do/a assistente social (1993), bem como na lei de regulamentação da profissão (nº 8.622/93). Em suma, podemos afirmar que na relação contraditória entre capital-trabalho, requer pensar a profissão como um projeto coletivo determinado por uma direção social específica, pautado pelas determinações éticas e políticas da profissão, comprometido com o interesse das classes trabalhadoras.

III. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente artigo possibilitou uma maior compreensão sobre a vida cotidiana e seus rebatimentos na formação do ser social. Mediante a análise de Heller é possível compreendê-la como insuprimível na constituição do ser, além disso, pode-se perceber que esta se constitui de forma hierárquica e heterogênea com determinantes voltados para a superficialidade e imediaticidade, desse modo, é essencial pensar estratégias principalmente na prática profissional do Assistente Social para ultrapassar as fronteiras limitantes do cotidiano, por meio de sua suspensão.

Ressalta-se que o desenvolvimento histórico do pensamento conservador está dentro dos limites da vida cotidiana identificada por Heller, por se tratar de uma expressão cultural particular de um tempo e um espaço sócio-histórico da constituição da sociedade burguesa.

Ao correlacionar os conteúdos abordados com o Serviço Social há uma preocupação com as influências de algumas posturas retrógradas no interior da profissão, mesmo após o seu processo de renovação. Diante disso, Yolanda Guerra (2009) afirma que é exigido do Assistente Social um sólido referencial teórico metodológico que permita uma análise crítica da realidade para que sirva de referência para a atuação profissional e o desmascaramento das dimensões da Questão Social, a fim de servir como uma estratégia que orienta

e instrumentaliza a ação profissional, com o propósito de alcançar o atendimento das demandas para além do imediatismo.

A partir desses pressupostos, Braz (2005) afirma que podemos situar o projeto ético-político do Serviço Social como uma autoimagem da profissão, que desde meados da década de 1970 se insere na realidade profissional dos Assistentes Sociais em busca da legitimação da profissão, função social, saberes interventivos, aliados a tradição marxista. Nesse sentido, o trabalho do Assistente Social se inscreve na contraditória relação entre capital e trabalho, na luta pela manutenção dos direitos socialmente conquistados expressos na Constituição Federal de 1988.

Em suma, mediante algumas expressões políticas da profissão em variantes neoconservadoras, que atualmente ganham espaço em meio à degradação das condições de trabalho, como também através das implicações cotidianas na relação do fazer profissional, instaura-se aqui o desafio para traçar novos objetivos que fortaleçam a categoria profissional na luta pela qualificação profissional pautada no projeto ético-político consolidado a partir da década de 1990, como também por meio de instâncias democráticas, como os conselhos, congressos, conferências e organizações políticas da categoria.

Referências

BRAZ, M. **Notas sobre o projeto ético-político do Serviço Social**. In CRESS 7a. Região. Assistente social: ética e direitos. Rio de Janeiro: CRESS/7a. Região, 2005.

BRAZ, M. A hegemonia em xeque. Projeto ético-político do Serviço Social e seus elementos constitutivos. **Revista Inscrita**, n. 10. Brasília: CFESS, 2007.

GUERRA, Y. **A dimensão investigativa no exercício profissional**. In Serviço Social: Direitos Sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS e ABEPSS, 2009.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

IAMAMOTO, M. V. Serviço Social na contradição capital/trabalho: Concepção da dimensão política na prática profissional. In: SERVIÇO Social: as respostas

da categoria aos desafios conjunturais: IV CBAS. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade**; trabalho e formação profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NETTO, J. P. **O Serviço Social e a tradição marxista**. Serviço Social e Sociedade. n. 30. Ano X. São Paulo: Cortez Editora, abr. 1989.

NETTO, J. P. Para a crítica da vida cotidiana. In: _____; CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NETTO, L. E. **O conservadorismo clássico**: elementos de caracterização e crítica. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, J. M. A. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2016.